

**A CULTURA JUVENIL E CULTURA JUVENIL UNIVERSITÁRIA ENTRE
ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA FCT/UNESP**

**LA CULTURA JUVENIL Y LA CULTURA UNIVERSITARIA DE LOS ESTUDIANTES
DE GEOGRAFÍA FCT/UNESP**

**THE YOUTH CULTURE AND UNIVERSITY YOUTH CULTURE BETWEEN
FCT/UNESP GEOGRAPHY STUDENTS**



João Pedro Turino Silva ¹
e-mail: jpt.silva@unesp.br



Nécio TURRA NETO ²
e-mail: necio.turra@unesp.br

Como referenciar este artigo:

SILVA, J. P. T.; TURRA NETO, N. A cultura juvenil e cultura juvenil universitária entre estudantes de geografia da FCT/Unesp. **Revista Formação (Online)**, v. 32, n. 00, e025002, 2025. DOI: 10.33081/32e025002



| **Submetido em:** 28/12/2022
| **Revisões requeridas em:** 28/12/2022
| **Aprovado em:** 24/09/2024
| **Publicado em:** 14/05/2025

Editores: Profa. Dra. Danielle Cardozo Frasca Teixeira
Prof. Dr. Carlos Alberto Feliciano

Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Presidente Prudente – SP – Brasil. Doutorando Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus de Presidente Prudente.

²Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Presidente Prudente – SP – Brasil. Professor do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus de Presidente Prudente.

RESUMO: O presente trabalho tem como ponto de partida a questão se existe uma cultura juvenil universitária específica do estudante de Geografia da FCT/Unesp – Presidente Prudente. A partir do estudo com estudantes do 2º e 3º ano do curso, através de entrevistas e grupos focais, pudemos não só compreender como esta cultura se realiza, mas também identificar suas principais características e no que ela se diferencia da cultura de outros cursos oferecidos no mesmo campus. Defendemos que existe uma cultura juvenil universitária praticada pelos estudantes do curso de Geografia e esta se realiza na combinação e amalgama entre as rotinas do curso e o tempo livre, ressignificando espaços do campus e também transcendendo-o para o espaço urbano mais próximo. Assim, trata-se de uma cultura que se faz no diálogo e mesmo na tensão entre as condições de jovem e de estudante, entre a cultura juvenil e a cultura universitária, entre as experimentações do presente e os projetos de futuro. Mas também se trata de uma cultura que traz as marcas do seu tempo, da desvalorização da carreira docente e dos altos índices de evasão.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura Juvenil. Cultura Juvenil Universitária. Geografia. Unesp. Presidente Prudente.

RESUMEN: *El presente trabajo tiene como punto de partida la pregunta de si existe una cultura juvenil universitaria propia del estudiante de Geografía de la FCT/Unesp - Presidente Prudente. A partir del estudio con los alumnos de 2º y 3º del curso, a través de entrevistas y grupos focales, pudimos no sólo entender cómo se produce esta cultura, sino también identificar sus principales características y en qué se diferencia de la cultura de otros cursos ofrecidos en el mismo campus. Argumentamos que existe una cultura juvenil universitaria practicada por los estudiantes del curso de Geografía y ésta se realiza en la combinación y amalgama entre las rutinas del curso y el tiempo libre, resignificando espacios del campus y también trascendiéndolo al espacio urbano más cercano. Así, es una cultura que se hace en el diálogo e incluso en la tensión entre las condiciones de los jóvenes y los estudiantes, entre la cultura juvenil y la cultura universitaria, entre las experiencias del presente y los proyectos de futuro. Pero también es una cultura que lleva las marcas de su tiempo, la devaluación de la carrera docente y las altas tasas de abandono.*

PALABRAS CLAVE: Cultura juvenil. Cultura juvenil universitaria. Geografía. Unesp. Presidente Prudente.

ABSTRACT: *The present work has as starting point the question if there is a university youth culture specific to the student of Geography at FCT/Unesp - Presidente Prudente. From the study with 2nd and 3rd year students of the course, through interviews and focus groups, we could not only understand how this culture takes place, but also identify its main characteristics and in what it differs from the culture of other courses offered in the same campus. We argue that there is a university youth culture practiced by students of the Geography course and this is realized in the combination between course routines and free time, resignifying campus spaces and also transcending it to the nearest urban space. Thus, it is a culture that is made in the dialogue and even in the tension between the conditions of being young and being a student, between the youth culture and the university culture, between the experimentations of the present and the projects for the future. But it is also a culture that bears the marks of its time, the devaluation of the teaching career and the high dropout rates.*

KEYWORDS: *Youth culture. University youth culture. Geography. Unesp. Presidente Prudente.*

Introdução

O texto³ que aqui se apresenta procura trazer uma discussão sobre a relação entre cultura juvenil e cultura universitária, a partir de um estudo de caso realizado com estudantes de Geografia, do 2º. E 3º. Ano da graduação, da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), campus de Presidente Prudente. A pesquisa é resultado da iniciação científica e do trabalho de conclusão de curso de um dos autores, acrescida do debate que se seguiu com o professor orientador, em que a reflexão inicial foi desdobrada e aprofundada.

Defendemos a ideia de que conhecer as vivências de juventude, trajetórias e caminhos dos/das estudantes é conhecer a universidade e o próprio curso de Geografia, encarados não apenas como espaços/tempos de estudo e formação, mas também como espaços de convivência, troca de experiências, usos do tempo livre, lazer, cultura, sociabilidade, igualmente importantes para a formação dos sujeitos que se engajam no curso de Geografia e que, ao fim e ao cabo, acabam por formatar um modo de viver a experiência da própria juventude e da vida acadêmica.

É comum escutarmos que o estudante de Geografia da FCT é facilmente reconhecido e identificável. Há, inclusive, uma “representação social” (pejorativa) na cidade sobre o perfil desse estudante, muito próximo ao estilo hippie, despojado, descuidado, em que bermuda, shorts, camiseta e chinelo compõem o uniforme básico. Inclusive, a polícia militar da cidade tende a enxergar os estudantes do curso como arruaceiros, devido ao seu envolvimento no movimento estudantil e em outros movimentos sociais locais, como MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra). A polícia tende também a relacionar o estudante de Geografia ao uso de drogas. Já ouvimos de um policial, em um caso que envolveu a ação da PM no campus: “só podia ser estudante de Geografia mesmo!”

Também é comum observarmos, seja como docente seja como estudante do curso, a transformação de calouras e calouros ao longo do primeiro e segundo ano, aderindo ao (que podemos entender como) estilo e, com isto, tornando-se estudante de Geografia, por um processo de internalização e externalização de um modo de ser e se engajar na vida universitária do qual participam (com grande peso) uma posição crítica em relação à sociedade, um compromisso com os grupos sociais subalternizados, o engajamento político – que se articula intimamente com engajamento nos grupos de pesquisa e no próprio movimento estudantil.

³ Trabalho vinculado ao projeto “Juventudes e Múltiplas Territorialidades: diferenças socioculturais em contextos de cidades médias e metrópoles brasileiras” (Chamada MCTIC/CNPq Nº 28/2018). Processo - 427225/2018-3. A pesquisa contou com o apoio da FAPESP, na modalidade de bolsa de Iniciação Científica.

Já ouvimos pelos corredores, inclusive, a acusação de que fulano está fazendo “cosplay de pobre”, para indicar que aquele estilo não corresponde à sua real condição ou origem social/financeira, mas que foi assumido de forma deliberada, para engajar-se nas interações sociais e conquistar “capital relacional” no curso (Bassani, 2007).

Claro que estamos nos referindo às imagens predominantes, aquelas que são usadas para identificar o estudante de Geografia, pelas quais este sujeito é reconhecido dentro e fora do campus. O que não significa que elas sejam acionadas, ou incorporadas na sua integridade, por todos os estudantes e as estudantes do curso para comporem suas identidades.

De todo modo, estas imagens serviram de inspiração inicial para nos perguntarmos se existe, de fato, uma cultura juvenil universitária específica do curso de Geografia da FCT, na qual calouros são socializados desde o momento de ingresso no curso. E também, até que ponto o maior ou menor engajamento nela tem desdobramentos na construção da identificação do/a estudante com o curso e na sua decisão de permanecer (tendo em vista que a evasão é uma questão que assombra a instituição, como veremos adiante)?

A princípio a proposta da pesquisa era acompanhar, ao longo do ano de 2020, as duas turmas (matutino e noturno) do primeiro ano do curso em seu processo de chegada/recepção e socialização enquanto estudante de Geografia. Contudo, a pesquisa teve que se realizar no contexto da pandemia de Covid-19, o que nos levou a repensar o foco inicial, tendo em vista que tanto os estudantes do 1º Ano tiveram apenas duas ou três semanas de atividades presenciais e logo passaram para o ensino remoto, quanto o fato de que toda a pesquisa teve que ser feita a distância. Assim, a proposta inicial se viu inviabilizada, na medida em que estas turmas não puderam vivenciar o processo de socialização no curso, para além das relações que ocorreram nas salas de aula virtuais, ou seja, não participaram dos encontros, das festas, dos espaços e tempos de sociabilidade e socialização, das dinâmicas dos grupos de pesquisa, enfim, da vida universitária de forma mais geral.

Dessa forma, mudamos o foco para estudantes do 2º. e 3º. Ano, tendo em vista que poderiam nos dar acesso, pela sua memória, à experiência de socialização no curso de Geografia, bem como avaliarem criticamente se existe ou não uma cultura juvenil universitária específica do curso, e nos dizer que elementos marcariam a distinção dos estudantes de Geografia em relação aos de outros cursos do campus e como, afinal, se relacionavam com ela. Além disso, se inicialmente pensávamos em ter a observação participante no centro da investigação, passamos para as entrevistas e grupos focais como metodologias principais, pela possibilidade de serem realizadas remotamente. No que se refere às entrevistas, baseamo-nos

nos aportes de Colognese e Mello (1998) que indicam uma série de cautelas para que esta “conversa interessada” seja mais exitosa, tentando deixar o entrevistado o mais confortável e à vontade, ainda que reconheçam(os) que não é possível evitar todos os ruídos de comunicação, ainda que estivéssemos online, a própria aproximação à esses estudantes foi da forma mais amistosa possível via WhatsApp. Trabalhamos com o roteiro específico e com entrevistas semiestruturadas, também segundo as definições destes autores e assim fizemos a transcrição das 4 entrevistas. E quanto aos grupos focais, nossas principais referências foram Cruz Neto, Moreira e Sucena (2002) e Gatti (2005). Segundo esses autores, os grupos focais são grupos de discussão informal de tamanho reduzido, com o objetivo de obtenção de informações qualitativas sobre o tema em questão; seu objetivo é produzir uma fala em debate (troca de ideias), se diferenciando assim de entrevista de grupo ou de entrevistas em geral. O roteiro do grupo focal deve trazer um número bastante reduzido de questões que instiguem o debate, porque o objetivo não é que os membros do grupo respondam perguntas ao mediador, mas que debatam entre si a partir de questões que são gerais e comuns. O primeiro grupo focal foi realizado e gravado no final de 2020 e durou uma hora e cinquenta e três minutos, a transcrição foi feita com base em Gatti (2005), que recomenda que para o exame das informações com o grupo focal, sejam retomados os objetivos da pesquisa, assim fazendo uma análise guiada pelas premissas e fundamentos da nossa procura por respostas, a transcrição levou em conta o comportamento, reações e posições comuns ou contradições que o grupo teve sobre as diversas colocações.

O segundo grupo focal foi realizado e gravado em janeiro de 2021 e durou um pouco mais de uma hora, apenas 5 dos 6 convidados compareceram ao grupo focal que seguiu o mesmo roteiro do primeiro, mas teve menos falas, por isso, teve menor duração.

A pesquisa também contou com aplicação de questionário para os estudantes de ambas as turmas, cujo universo total é de 110 estudantes, assim como levantamento de dados na seção de graduação, onde pudemos ter uma ideia da origem de todos os/as estudantes do curso, em termos dos seus locais de residência atuais e anteriores. Ao final da realização dos procedimentos de pesquisa, obtivemos o total de 44 respostas ao questionário online (o que representa 40% do total dos estudantes do 2º. e 3º. Ano), dois grupos focais e 4 entrevistas (duas para cada ano), todas realizadas pela plataforma do Googlemeet®. Dos dois grupos focais participaram um total de 11 estudantes (5 do segundo ano e 6 do terceiro), com diversas

posições socioeconômicas, de gênero e cidades de origem, o que permitiu abranger uma variedade de trajetórias pessoais presentes no curso⁴.

No que se segue, apresentamos, num primeiro momento, a distinção entre cultura juvenil e cultura universitária, para depois caracterizarmos o que pudemos identificar como sendo a cultura juvenil universitária dos/as estudantes de Geografia da FCT⁵, indicando em que medida ela se diferencia daquela de outros cursos do campus. Por fim, retomamos algumas das principais conclusões a que a pesquisa nos levou e que foram, de certa forma, apresentadas ao longo do texto.

A cultura juvenil universitária dos estudantes de geografia da FCT/UNESP

Nosso ponto de partida para pensarmos se existe uma cultura juvenil universitária específica dos estudantes de Geografia da FCT foi a ideia de culturas juvenis. Pais (1993) define “cultura juvenil” como a cultura praticada por grupos juvenis com espacialidades e temporalidades próprias, das quais as imposições do mundo adulto, como trabalho, família e estudos, não participam, onde e quando jovens estariam entre jovens “fazendo nada juntos”. Um fazer nada que é produtor de uma cultura distintiva, seja em relação a outros coletivos juvenis, seja em relação ao mundo adulto. As culturas juvenis seriam culturas do tempo livre, pois, como argumenta Pais (1993, p. 135),

De facto, os tempos livres, podem considerar-se como uma das mais importantes dimensões da vida quotidiana dos jovens no que respeita à definição e compreensão das culturas juvenis, quer o usufruto desses tempos seja considerado como meio de ajustamento ao meio social envolvente, quer como factor de integração geracional. E isto porque a noção de tempos livres não deixa de estar fortemente marcada por um aspecto residual que lhe está subjacente (tempos de não trabalho), aspecto que, de certa maneira, circunscreve uma zona de relativa autonomia dos jovens onde são assumidos valores que podem demarcar as chamadas culturas juvenis.

O uso do termo “culturas juvenis” no plural se justifica, pois, segundo Menegon (2016, p. 46), “não há limites quando se estuda culturas, há um campo infinito prestes a ser desvelado,

⁴ Maiores detalhes sobre os procedimentos metodológicos da pesquisa, inclusive com a indicação das referências nas quais nos apoiamos e os roteiros utilizados, podem ser encontrados em (em branco para não haver identificação).

⁵ Vale dizer que a Unesp é uma universidade multicampi, situada em 24 cidades do estado de São Paulo. O campus de Presidente Prudente oferece hoje doze cursos de graduação, além de importantes cursos de Pós-Graduação em diferentes áreas, com cerca de 3.500 estudantes. Para maiores informações, cf. Anuário Estatístico (2021).

seja ele na área da Sociologia da Juventude ou em qualquer outra”. Nessa mesma perspectiva, Dayrell (2001) afirma que as culturas juvenis se dariam através das condições da realidade de vida de cada jovem, sendo a origem social o elemento mais decisivo, pois pode limitar ou expandir a vivência e sociabilidade do jovem, além de ser um fator determinante daqueles que compartilharão um mesmo espaço e tempo. Ou seja, o processo de construção das culturas juvenis tem de ser entendido no contexto da origem social e das condições concretas de vida em que os/as jovens estão inseridos e socializados. Por isso, haveria tantas culturas juvenis quantos fossem os contextos em que jovens são socializados, ainda que estas não possam ser entendidas apenas como realidades circunscritas aos lugares, uma vez que se fazem também nos trânsitos globais de referências culturais, o que significa que são resultado de múltiplos amálgamas.

Assim, se as culturas juvenis têm um tempo privilegiado, que é o tempo livre, se devem ser entendidas a partir dos contextos concretos em que acontecem, elas também possuem uma dimensão espacial inegável (Turra Neto, 2015), pois demandam encontro e locais de encontro para acontecer, e estes jogam um papel importante nas formas de realização das referidas culturas. Nesse mesmo sentido, Feixa (1999, p. 96) afirma que “[...] as culturas juvenis criam um território próprio, apropriando-se de determinados espaços urbanos distinguidos com suas marcas: a esquina, a rua, o muro, o local do baile, a discoteca, o centro urbano, as zonas de ócio etc”⁶. O conceito de território, aliás, tem sido o mais acionado na geografia para abordar as culturas juvenis e suas práticas de sociabilidade, como demonstram os trabalhos de Turra Neto (2004, 2012), Santos (2012, 2022), Marques (2021) e Salvi (2022)⁷.

Também as culturas juvenis tendem a serem vistas na literatura como ligadas a estilos distintivos, em torno de música, visual e comportamento, pelos quais, inclusive, afirmam sua própria condição juvenil. Entendemos estilo, tal como Dayrell (2005, p. 41), como “[...] uma manifestação simbólica das culturas juvenis, expressa em um conjunto mais ou menos coerente

⁶ No original: “... las culturas juveniles crean un territorio propio, apropiándose de determinados espacios urbanos que distinguen con sus marcas: la esquina, la calle, la pared, e local de baile, la discoteca, el centro urbano, las zonas de ocio, etc”

⁷ Não é nosso objetivo discutir o território que constituiria a cultura juvenil universitária do estudante de geografia da FCT, mas primeiro identificar se existiria esta cultura distintiva. A expressão espacial desta cultura foi um resultado esperado, afinal para existir cultura juvenil é preciso haver algum onde, contudo, não foi pesquisado a fundo qual a configuração desta espacialidade e se relacionalmente onde se insere e acontece ela constituiria territórios.

de elementos materiais e imateriais que os jovens consideram representativos da sua identidade individual e coletiva”⁸.

Assim, um estilo se faz com visões de mundo, formas de viver o tempo livre e se divertir, formas de lidar com o consumo em geral e também dos bens culturais, especialmente, o visual pelo qual o grupo é facilmente identificável nas suas deambulações pela cidade e espaços públicos. Ainda para Dayrell (2005, p. 44),

Um estilo expressa tanto o processo de globalização, com questões universais, quanto relações locais e a leitura própria do contexto no qual se inserem. Enfim, apontam para a importância atribuída pelos jovens à convivência com um grupo de iguais, o compartilhar de sentimentos de pertencimento e as experiências cotidianas possibilitadas pela vivência mediada pelo estilo.

Considerar a emergência destas culturas articuladas em torno do estilo nos remete a um momento histórico específico em que os agrupamentos juvenis mais visíveis no cenário social deixaram de ser aqueles que se agregavam em torno das instituições educacionais para serem aqueles que se constituíam na rua, em tempos e espaços de diversão, concatenando rebeldia e consumo de bens culturais (Abramo, 1997). Certamente, podemos situar a emergência das culturas juvenis no quadro da difusão de uma ampla cultura juvenil global, no pós segunda guerra mundial, em que o cinema e a indústria fonográfica tiveram papel fundamental. Desde então, e mais fortemente a partir da década de 1970, podemos reconhecer a diversificação do cenário juvenil presente nas mais diversas cidades, em que jovens articulam diversão, rebeldia, consumo, música e também locais de encontro que vão se sedimentando como zonas, áreas, “manchas de lazer” (Magnani, 2005), territórios, ou seja, pontos ou áreas na cidade para onde convergem jovens, cujas práticas espaciais são orientadas pelo estilo que compartilham.

Contudo, quando falamos em cultura juvenil universitária a questão pode não se colocar exatamente nestes termos, ou não se limitam a eles, pois tem como locus de sua constituição justamente a universidade. Assim, ainda que a composição de estilo e a sociabilidade juvenil em torno dele, no tempo livre, sejam uma das facetas da cultura juvenil universitária, em seus traços hegemônicos, há outras dimensões igualmente importantes que precisam ser consideradas e estas remetem ao próprio espaço educativo, seus ritmos, rotinas, as imposições do curso, das pesquisas e dos respectivos grupos de pesquisa. É o que faz com que a cultura juvenil universitária não seja apenas uma cultura juvenil de tempo livre, mas se faça no jogo,

⁸ É importante reconhecer que as culturas juvenis, articuladas em torno de estilos, não abarcam a totalidade das experiências de juventude, visto que há jovens cujas práticas de sociabilidade e usos do tempo livre podem ser orientadas por inúmeras outras lógicas, com maior ou menor presença de relações intergeracionais.

no diálogo e mesmo no conflito entre as dimensões do tempo livre e do tempo vivido nas atividades didáticas e nos diversos projetos e movimentos nos quais os/as jovens se engajam, na sua condição de estudantes.

Talvez, a cultura juvenil universitária — pelo menos a que está sendo considerada nesta pesquisa —, porte em si a tensão própria da dicotomia vivida por muitos/as jovens, na sua experiência de juventude, aquela entre o/a estudante e o/a jovem. O que para Pais (1993) representa a tensão entre duas orientações de tempo — incompatíveis entre si em certos setores sociais —, uma orientada para o futuro, para a preparação para a vida adulta, representada pelos estudos, e outra orientada para o presente, para o curtir a vida em grupos de pares, representada pelas culturas juvenis. Como argumenta Turra Neto (2015), a experiência plena da juventude só é possível àqueles jovens que podem equacionar estas duas dimensões, o que ainda é inacessível para parte significativa dos jovens e das jovens brasileiros/as.

Cultura juvenil universitária de estudantes de geografia da FCT/UNESP

Nesta parte do texto, iremos apresentar as expressões, identificadas na pesquisa, do que seria a cultura juvenil universitária do curso de Geografia da FCT/Unesp, que demarcariam diferenças daquelas de outros cursos da faculdade.

Vale ressaltar que a cultura juvenil universitária identificada é aquela que mais tem visibilidade e que, certamente a que se faz sentir como hegemônica no curso. Com isto, queremos dizer que a experiência universitária é bastante diversificada, devido a trajetórias diversas, experiências socioespaciais e processos de socialização plurais e a possibilidades maiores ou menores de engajamento na vida universitária, segundo a disponibilidade de tempo livre dos estudantes para além da sala de aula e grupos de pesquisa.

Esta cultura hegemônica que cria a imagem do que seria o estudante de geografia típico. Uma imagem que, na verdade, é compartilhada por estudantes de diferentes cursos e participa de uma representação social mais ampla que entende como experiência universitária padrão aquela vivida pelo estudante que sai da casa dos pais e se muda para outra cidade para estudar, aliando a vida universitária com certa independência da família de origem. Uma imagem clássica e também burguesa que considera outras experiências, como a dos jovens que são do mesmo local que a universidade e que permanecem morando com os pais como incompleta e

menos livre. Também Holdsworth (2009) reconheceu estes estereótipos informando a experiência de universidade de jovens ingleses, no início do século XXI.

Certamente, o curso de Geografia recebe estudantes locais, cujas redes de sociabilidade da universidade serão sobrepostas às aquelas já existentes, estudantes que fazem migração pendular vindo e voltando de cidades pequenas próximas, além de estudantes trabalhadores, alguns já inseridos no mundo adulto, com famílias constituídas e que retomam os estudos depois de muito tempo longe dos bancos escolares. Estes dois últimos grupos (das cidades pequenas e trabalhadores locais) têm menos possibilidade de vivenciarem o que identificamos como cultura juvenil universitária, visto que limitam sua vivência da universidade à sala de aula e aos trabalhos extraclasses, dificilmente engajando-se nas práticas, espaços e tempos de sociabilidade (dentro e fora do campus), nos grupos de pesquisa e projetos de extensão. Ainda que possam acessar e participar da cultura universitária, a dimensão propriamente juvenil dela lhes é limitada.

Portanto, quando falamos de cultura juvenil universitária do curso de Geografia da FCT, temos em mente que deixamos muitas experiências de fora. Assim, reconhecemos que os/as estudantes mais engajados/as na cultura juvenil universitária do curso são, predominantemente, aqueles e aquelas mais jovens, que não participam do mercado de trabalho e que, portanto, recebem algum financiamento, seja dos pais, seja em forma de bolsas de diversas modalidades, podendo dedicar-se unicamente aos estudos. Ainda que estes não sejam a grande maioria dos estudantes e das estudantes do curso, representam o perfil que tem hegemonia em participar do movimento estudantil, em fazer os enfrentamentos nas diversas instâncias deliberativas da universidade e em participar de forma mais ativa da sociabilidade que se articula a partir da vida universitária e que se desdobra para fora do campus, em direção à cidade mais ampla.

Trata-se de uma cultura juvenil universitária que se faz no cotidiano das/dos estudantes, do qual a universidade tem grande centralidade, visto que nossa pesquisa demonstrou que FCT/Unesp tem proeminência nas espacialidades e temporalidades da vida dos nossos colaboradores e colaboradoras.

Feixa (2003, p. 126) afirma que “o conceito de vida cotidiana faz referência ao conjunto de relações sociais e práticas culturais, normalmente de caráter informal, que organizam e dão sentido às rotinas diárias de indivíduos e grupos.” Assim, adentrar no curso de Geografia e passar a frequentar as salas de aula, o restaurante universitário, as reuniões do movimento estudantil, inserir-se nas redes de amizade que vão conduzir para práticas de encontro e diversão dentro e fora do campus é também ser gradualmente socializado numa cultura juvenil

universitária que já vem se realizando neste lugar, pela qual o/a estudante vem a constituir sua identidade de estudante de Geografia e, assim, ampliar seu envolvimento com o próprio curso.

Tomando a definição de cotidiano de Feixa (2003), percebemos que a universidade como parte importantíssima do cotidiano desses jovens se torna um espaço repleto de relações sociais e práticas culturais. Feixa (2003, p. 126) afirma que, “[...] o cotidiano pode ver-se como um lugar de conflito entre cultura dominante e cultura subalternas, um espaço de negociação e resistência que frequentemente se expressa através do simbolismo e do ritual.” Ora, é no espaço universitário e nos seus arredores que existem as manifestações dessa cultura juvenil universitária.

No campus, salta aos olhos o quanto espaços institucionais são ressignificados pelas práticas cotidianas dos/as estudantes: a biblioteca não é apenas um espaço de leitura e estudo, é também um local de encontro; o Restaurante Universitário (RU) deixa de ser apenas para refeição e passa a ser um local de paquera e de divulgação da próxima festa; a praça não é apenas o local de estar ou de passagem entre um intervalo e outro, mas se torna lócus de manifestações políticas, em que estudantes reivindicam protagonismo nas decisões sobre os rumos da universidade, que afetam de forma direta suas vidas/carreiras acadêmicas.

Ao mesmo tempo, o engajamento de novos estudantes a cada ano também coloca esta cultura juvenil universitária em movimento, agregando novas práticas de sociabilidade, novas referências musicais e posições políticas, de modo que se trata de um permanente devir em múltiplas escalas, dos sujeitos em seu processo de constituição enquanto estudantes do curso e da própria cultura juvenil universitária que sempre se renova.

Adentrando agora na apresentação e discussão dos resultados da pesquisa, trazemos alguns elementos importantes a se pontuar nas trajetórias de vida e espacialidades dos nossos colaboradores e colaboradoras, para em seguida tratarmos do que diferencia a cultura juvenil universitária do curso de Geografia das culturas dos outros cursos.

Iniciamos pelas trajetórias de vida, pois, segundo Martins e Carrano (2011), a trajetória de cada indivíduo lidando com suas provações cotidianas, como as desigualdades de acesso, formas contextuais de recepção e apropriação de bens simbólicos e capitais culturais, dentre outros, constrói a sua experiência de juventude. Além disso, outra ideia importante é a de “campo de possibilidades”, proposta por Velho (2006), segundo a qual os/as jovens atuam mediante suas limitações, projetando, sonhando e organizando seu futuro de acordo com as possibilidades presentes no seu contexto socioespacial e no seu horizonte simbólico. É nesse campo de possibilidades que os/as jovens constroem seus projetos de vida (Pais, 1993), que

muitas vezes entram em choque com os ideais da sua família, ou entram em choque com suas condições financeiras reais. Assim, os projetos de vida dos jovens são uma negociação complexa, em que múltiplos fatores são equacionados.

Ao longo de nossa pesquisa, tivemos relatos de diversas trajetórias, mas pudemos identificar alguns pontos em comum, elementos que revelaram certas tendências entre os estudantes de Geografia da FCT/Unesp.

A primeira questão que podemos colocar é que a opção pela Geografia não se deu de forma exclusiva. Os dados do questionário, as informações das entrevistas e mesmo dos grupos focais realizados revelaram que os estudantes demonstraram ser vocacionados para outros cursos e que, na maioria das vezes, a Geografia não foi a primeira opção a aparecer no seu projeto de vida. Podemos, talvez, inferir que isto decorre da desvalorização da profissão docente no Brasil e mais especificamente no estado de São Paulo, nos últimos anos, como apontado por Oliveira (2012). Além da intenção de se cursar outro curso, foram relatadas também: a intenção de apenas obter um diploma, a escolha do curso devido a dificuldades financeiras (não havendo a possibilidade de se cursar uma universidade particular ou de se mudar para outra cidade) e até frustrações no vestibular, tendo ingressado no curso graças as vagas remanescentes⁹. Como podemos ver na fala de uma das estudantes entrevistadas.

E aí eu falei, vou prestar arquitetura mesmo porque era a arquitetura que eu queria...prestei vestibular, passei, só que não fui chamada, sabe? Tipo assim, ela não rodou até aonde eu tava e eu não entrava em cotas. Eu não sei se você sabe, mas existem as vagas remanescentes, que são aquelas vagas que, por exemplo, a nota de corte das cotas passou a minha posição, entendeu? Aí essa posição até onde foi, a gente ganha o direito de escolher outro curso para fazer, aí abriu vagas pra Geografia, aí eu disse: tudo bem, eu presto Geografia, faço um ano de Geografia e depois vou tentar transferência para arquitetura...enfim. Entrei na Geografia, fiz o primeiro ano da Geografia e me apaixonei pela Geografia e descobri que o que eu deveria ter feito, tipo, desde o começo (aluna branca, 3º ano).

Dessa forma, adentrar na universidade, não no curso desejado, mas no curso possível, inclusive pela sua baixa procura no vestibular, pode revelar que este movimento tem motivações nem sempre explicitadas ou pouco refletidas. Hopkins (2006), por exemplo, em uma pesquisa analisando os jovens universitários ingleses, identificou que o ingresso na universidade era visto como parte de uma conquista de liberdade, de autonomia e projeção de uma melhor condição financeira, dimensões que podem ser mais valorizadas do que o próprio curso que se escolhe.

⁹ As vagas remanescentes são aquelas que não foram ocupadas no decorrer do processo seletivo do vestibular do curso de Geografia.

Assim, as trajetórias de vida expostas por nossos colaboradores/as revelaram certos (des)encontros com a Geografia, de modo a esta figurar de forma mais ou menos presente no horizonte de projetos de futuro. Em parte, estes (des)encontros tiveram como desencadeadores certos personagens que somaram ou não colaboraram com a escolha do curso no momento do vestibular, como um professor de Geografia do cursinho, cuja empolgação com a matéria despertou a paixão nos estudantes; ou os pais que obrigaram um dos nossos colaboradores a cursar alguma universidade, qualquer que fosse; ou, em outro caso, um professor no colégio interno que tornou a disciplina pouco atrativa a uma das estudantes entrevistadas. Seja como for, a figura de adultos orientando, induzindo ou bloqueando a opção pela continuidade dos estudos na universidade no curso de Geografia compareceu em vários discursos, seja das entrevistas ou dos grupos focais. A essas personagens nomeamos “mensageiros/as” da Geografia e elas fizeram a diferença no encontro positivo ou não com a disciplina. Podemos ver a presença dessa figura, de forma positiva em uma fala do segundo grupo focal realizado, fala em que o estudante fez menção à uma professora de Geografia da escola em que ele estudou.

Ah cara, eu não sei como descrever, mas eu adoro Geografia; eu me relaciono muito bem com a Geografia, sinceramente eu entrei na universidade motivado por uma professora, porque depois eu comecei a me apaixonar tanto pela Geografia que ela passou a ser parte da minha identidade. (Grupo Focal 2).

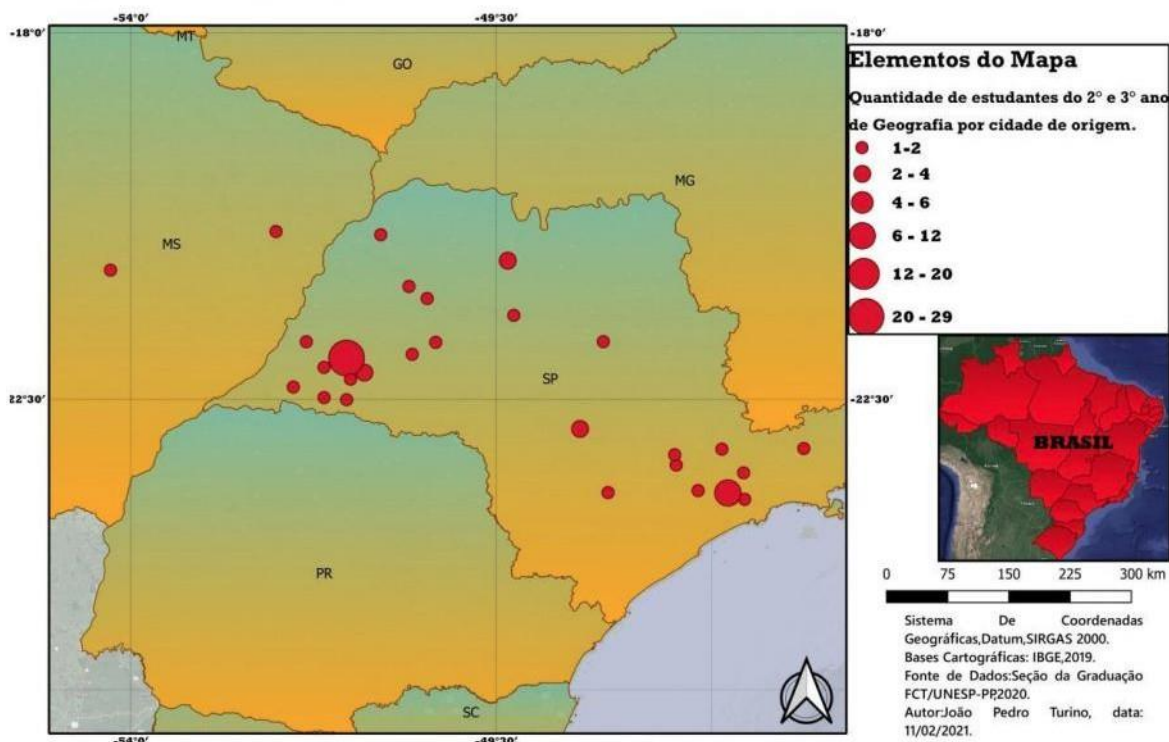
No sentido oposto, outra estudante entrevistada, que cursou Química na FCT/Unesp e depois ingressou no curso de Geografia, relata um contato inicial, no ensino médio pouco promissor.

*Eu só tentei (Geografia) porque eu tive contato na Unesp, porque até então, desculpa falar né, mas como eu estudei em um colégio interno e era religioso, a matéria de Geografia era uma matéria extremamente renegada por todos assim, sabe? Porque era uma matéria que era para ser crítica e lá era tipo assim- as pessoas acham que é assim mas a gente sabe que na Bíblia não é desse jeito - então eu nunca tive o contato com um professor f*** de Geografia assim, tipo, de falar- nossa vai lá e faça Geografia-não eu nunca tive esse contato (aluna do 3º ano, branca).*

Ao lado da figura do/a mensageiro/a, há também o local de origem desses estudantes, como uma dimensão importante a considerar para a justificativa de suas escolhas. Quando elaboramos o Mapa 1 dos estudantes do 2º e 3º Ano, ainda no ano de 2020, vimos que uma maioria esmagadora era paulista, com foco no Pontal do Paranapanema, mais particularmente

na própria cidade de Presidente Prudente, e nas Regiões Administrativa de São Paulo e Campinas. Apenas 2 estudantes eram de origem sul mato-grossense¹⁰.

Mapa 1 – FCT/UNESP - Presidente Prudente – Origem dos estudantes do 2º e 3º ano de Geografia (2020)



Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

Os dados obtidos na seção de graduação revelaram também que a maioria dos estudantes do 2º e 3º Ano do curso de Geografia é branca, ou seja, das 110 pessoas, divididas em 69 no 2º Ano e 41 pessoas no 3º Ano, 77% são branco(a)s, 20% pardo(a)s e apenas 3% negro(a)s. Também é notório o predomínio da escola pública no ensino médio (69% oriundos da rede pública de ensino e 31% da rede privada). Trata-se de um curso cujo perfil dos estudantes confirma a pesquisa realizada por Bernadete Gatti et. al. (2019), para quem os cursos de licenciatura continuam recebendo jovens dos setores mais populares, apesar do aumento das oportunidades de acesso à educação superior do Brasil. Nessa mesma linha, o curso de Geografia da FCT também reproduz o perfil encontrado por Ristoff (2014), que identificou que os cursos de licenciatura como história, pedagogia e outros eram mais procurados por pessoas

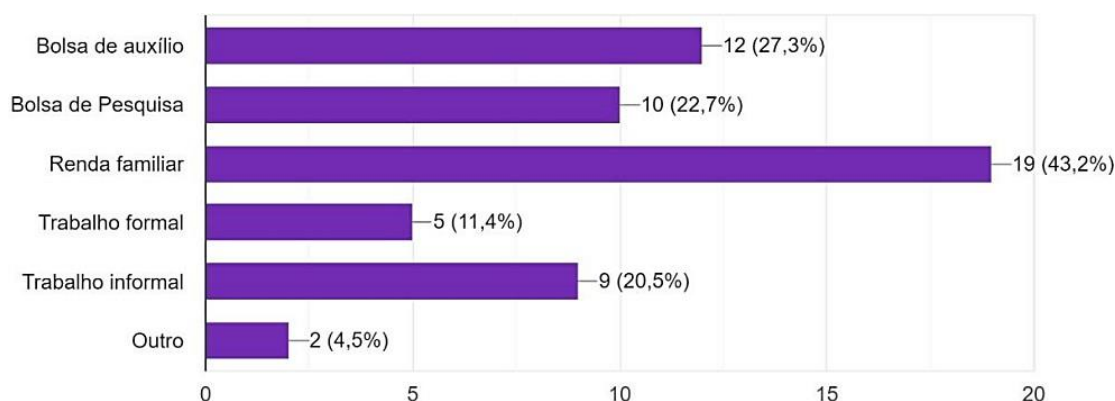
¹⁰Os dados de origem oferecidos pela seção da graduação remetem a cidade natal dos estudantes, havendo a possibilidade de terem residido em outros municípios antes da vinda a Presidente Prudente, porém, quando esses dados foram comparados com os dados do questionário aplicado, as respostas se mostraram muito similares.

de classe média, classe média baixa e em alguns momentos por setores de mais baixa renda. Ristof (2014, p. 737) aponta:

Observa-se, entre outros, que Medicina e Odontologia, que têm a menor representação na faixa de até 3 salários mínimos, têm expressiva representação nas duas faixas superiores, de 10 a 30 e mais de 30 salários mínimos. Nota-se igualmente que 14% dos estudantes de Medicina vêm de famílias com faixa de renda de mais de 30 salários mínimos mensais, enquanto História e Pedagogia têm representação próxima de zero nesta mesma faixa de renda. Percebe-se, por fim, que é expressivo o contingente de estudantes do grupo de até 3 salários mínimos e da larga faixa de 3 até de 10 salários mínimos, deixando claro que é grande o número de estudantes que teriam dificuldades de se manter no campus a menos que robustas políticas de permanência não (sic) estivessem sendo postas em prática.

Muitos dos/as jovens entrevistados/as e integrantes dos grupos focais apontaram a questão financeira como um obstáculo que os desafiava cotidianamente: a necessidade de moradia, ou de bolsas e auxílios e até mesmo de trabalho remunerado para garantirem sua permanência no curso. Dessa forma, o engajamento em projetos e grupos de pesquisa, para alguns, impõe-se não apenas como uma busca por ampliar suas possibilidades formativas ou de viver mais intensamente a universidade, mas por necessidade de alguma fonte de renda para sua manutenção, muitas vezes, distante da casa de seus familiares. Como evidenciado no questionário aplicado, vimos relevante presença das bolsas de pesquisa e auxílio permanência como principais fontes de rendas do(a)s estudantes (Gráfico 1), representando, juntas, mais de 50% do total dos respondentes.

Gráfico 1 – Principal fonte de renda dos estudantes



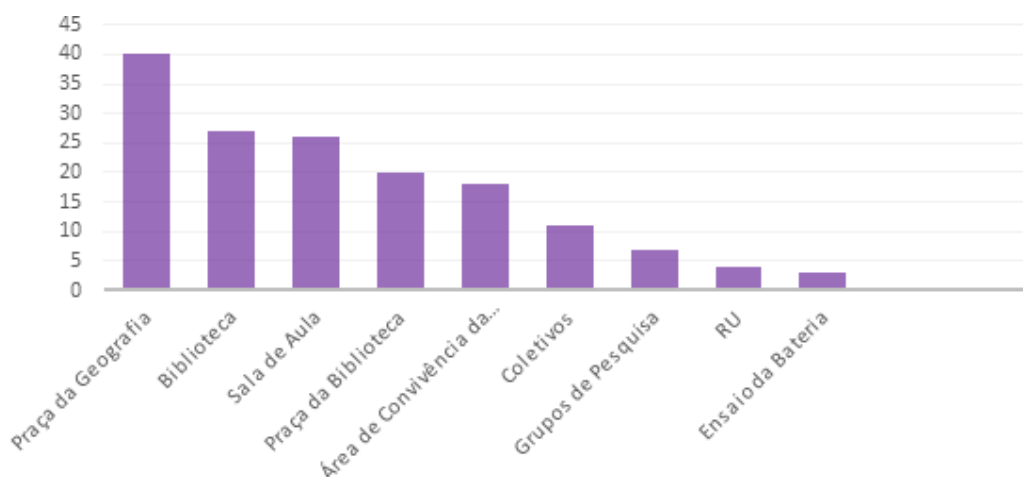
Fonte: Elaborado pelos autores com dados da pesquisa (2020).

Há também algumas falas que expressaram a necessidade de se buscar fontes de renda para sobreviver enquanto estudavam em Presidente Prudente, como em uma das entrevistas, na qual o estudante do terceiro ano exclamou:

...meu pai ele tinha uma empresa de gás e água essas coisas, sabe? Daí no final do ano de 2017 ele quebrou tipo assim, minha vida de 2017 pra antes e depois foram totalmente diferentes, tanto é que teve uns meses em Prudente que se eu não trabalhasse eu não conseguiria me manter aí... desde que eu tô em Prudente, eu sempre trabalhei, nunca deixei de trabalhar, mas é porque eu também trabalho desde os 14 (Aluno do 2º ano, branco).

O mesmo estudante revelou na entrevista ter participado do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) em seu primeiro ano e, apesar dos esforços do coordenador do projeto, para que ele permanecesse no programa (e futuramente conseguisse uma bolsa de pesquisa), o estudante precisou ir em busca de um emprego.

No que se refere à experiência dos espaços e tempos de sociabilidade vividos como estudantes de Geografia, no campus, o Gráfico 2 traz os principais pontos mencionados pelos respondentes do questionário.

Gráfico 2 – Os espaços de encontro na universidade

Fonte: Elaborado pelos autores com dados da pesquisa (2020).

Estes locais podem ser identificados no Mapa 2, que traz uma visão do campus da FCT. Separado em 3 grandes áreas, o mapa mostra o bloco de salas de aula de Geografia, situado na área Sul, contendo na sua entrada uma praça (em amarelo). Essa praça, conhecida como a “Praça da Geografia”, é um importante ponto de encontro e sociabilidade, durante os intervalos, ou antes e depois das aulas. É também palco de muitas manifestações do movimento estudantil no campus.

Outros espaços que também foram apontados pelos/as colaboradores/as como importantes espaços de vivência de uma cultura juvenil universitária foram o RU e a cantina, ambos também na área Sul e próximos ao bloco de salas de aula da Geografia. Também a biblioteca apareceu nas falas como um espaço importante de sociabilidade para os estudantes do curso; este localizado na área mais central do campus. Nela os/as estudantes se encontram não só para realizarem os trabalhos acadêmicos e estudarem, mas também para “matarem o tempo”, relaxarem na sombra da praça ou aproveitarem o ar-condicionado da sala de convivência. Na biblioteca “...um lugar que você vai encontrar alguém da Geografia é: festa e a biblioteca que o povo vai chorar (risos) ou estudar...” (Grupo Focal 2).

É interessante notar o peso que se deu à sala de aula como local significativo em que se encontram com amigos e amigas. Isto aponta para o fato de que as relações sociais que estes/as estudantes estabelecem com aqueles com quem passaram a conviver cotidianamente enquanto colegas de sala se adensaram a ponto de extrapolar esta condição e se estenderam para além dela, de modo que quando o encontro acontece na sala de aula já não é um encontro impessoal de “colegas de estudo”, mas entre amigos com todo um universo cultural e um cotidiano que foi se tornando comum.

Mapa 2 – FCT/Unesp - Presidente Prudente - Campus, 2020

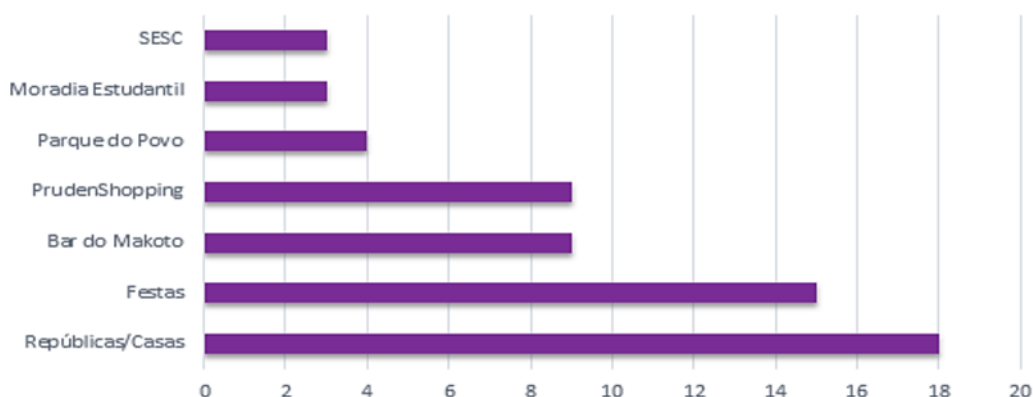


Fonte: Adaptado de FCT/Unesp - Presidente Prudente (2021).

O Gráfico 3 a seguir mostra os espaços onde se dão os encontros desses estudantes fora da universidade. Como podemos observar, os espaços mais citados foram: Repúblicas e casas de estudantes, festas, Prudenshopping, Bar do Makoto (que mudou de endereço durante o ano de 2020, no transcurso da pandemia) e Parque do Povo¹¹.

¹¹O Prudenshopping é o principal shopping center da cidade, onde há um hipermercado, cinema, praça de alimentação e fica próximo ao campus. O Bar do Makoto é um bar já tradicional no curso, atravessando diferentes gerações de estudantes que se formaram na Geografia da FCT e o Parque do Povo (maior parque prudentino).

Gráfico 3 – Locais de encontro fora da universidade



Fonte: Elaborado pelos autores com dados da pesquisa (2020).

A análise que pode ser feita é que todos esses espaços fazem parte de um circuito estudantil bastante próximo do campus (reforçado ao longo do tempo). Logo, a cultura juvenil universitária em questão, que transborda os limites do campus, se realiza no seu entorno mais imediato, em parte graças a uma oferta do mercado imobiliário e de diversão noturna que se volta ao público universitário, e em parte pela presença de grandes equipamentos urbanos (shopping center e espaço públicos) nas imediações. Desse modo, as repúblicas, o bar, o Parque do Povo, o shopping center e a praça começam a fazer parte de um circuito de lazer e tempo livre dos jovens da universidade, como também identificado por Lima (2018), em sua pesquisa da cultura universitária em Três Lagoas-MS e por Lima (2023), no seu estudo sobre o processo de estudantificação em um bairro da cidade de Dourados-MS, decorrente da expansão da oferta de educação superior na cidade.

Por outro lado, também notamos nas falas dos/as nossos colaboradores/as originários da própria cidade de Presidente Prudente, ou nas dos estudantes que trabalhavam ou trabalham, uma outra relação com os espaços de encontro e sociabilidade, não tão limitados aos arredores da universidade; do qual participam amigos de infância, da escola básica, do serviço, da igreja dentre outros, o que evidencia uma sociabilidade mais plural do que aquela vivida pelos estudantes “de fora”, cuja sociabilidade é mais endógena e mais propriamente ligada à cultura juvenil universitária.

Assim, este circuito cultural, de consumo e de diversão ligado à vida universitária, localizado no entorno próximo ao campus, é mais intensamente vivido por aqueles e aquelas estudantes que, vindos de fora, buscam a moradia universitária ou repúblicas nas imediações do campus. São os que mais participam da vida de república e das festas que estas articulam. Como exemplo, trazemos uma fala, contemplada em uma das entrevistas, em que diz que

“geralmente a gente chama a galera para ficar vendo TV, fazendo literalmente nada, ou na casa um do outro, a gente curte fazer tipo almoço, janta com a galera, a gente faz ou pede comida, tomar uma na praça do Makoto, rolê de república” (Aluna do 2º ano, branca).

Na figura 1, são ressaltados os locais de encontro mencionados nas entrevistas e grupos focais, localizados na proximidade do campus da FCT. Nele vemos o Carrefour, loja âncora ligada ao Prudenshopping, o Habib's e o Parque do Povo, de um lado. De ou outro lado, vemos o Bar do Makoto, localizado no bairro Jardim das Rosas, onde também estão situadas muitas repúblicas estudantis.

É significativo o fato de que muitos estudantes que vêm de fora para estudar na Unesp, o que inclui muitos dos estudantes de Geografia identificados como praticantes da cultura juvenil universitária, quase nunca recorrem ao centro tradicional de Presidente Prudente, distante apenas (aproximadamente) 2,7 km do campus – o que pode ser percorrido a pé. Quando necessitam ir ao centro é para uma compra específica ou algum serviço bancário. Toda sua vida cultural, de lazer, diversão noturna, sociabilidade e consumo se realiza nesse fragmento da cidade em torno do campus.

Figura 1 – Circuito dos Locais de Encontro e Sociabilidade de Estudantes do 2º e 3º ano de Geografia da FCT/Unesp



Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

Diante dos elementos até aqui apresentados, podemos aferir que de fato existe uma cultura juvenil universitária articulada pelos/as estudantes de Geografia da FCT, uma vez que suas interações socioespaciais que se iniciam nas salas de aula, nos corredores, grupos de pesquisa, enfim, nos espaços mais institucionais do campus transbordam para o espaço urbano mais amplo, numa vivência juvenil entre estudantes, em que diversão, consumo e festa se articulam e constituem um cotidiano comum. Ao mesmo tempo em que os espaços institucionais são ressignificados num tempo livre vivido coletivamente entre intervalos, horários de almoço e fins de tarde.

É importante evidenciar que a experiência em torno desta cultura juvenil universitária específica não se iniciou com as duas turmas analisadas (2º e 3º Ano), mas remete a uma cultura que lhes é anterior, na qual foram socializados desde o momento em que ingressaram no curso e que esta foi importante para que viessem a se tornar estudantes de Geografia, identificados com o curso — uma identificação que é em si coletiva.

Fatores que diferenciam a cultura juvenil universitária do curso de geografia da dos outros cursos

Se até o momento apresentamos a cultura juvenil universitária do estudante de Geografia a partir da sua constituição nos tempos e espaços de fruição do tempo livre, seja dentro do campus ou fora dele, nesta parte do texto, vamos nos concentrar naquelas dimensões desta cultura mais propriamente ligadas à vida acadêmica no curso e que, em nossa análise, a diferenciam da dos outros cursos oferecidos na FCT/Unesp.

A primeira dimensão que deve ser ressaltada é a política. Quando questionados/as acerca da cultura universitária dos estudantes de Geografia, nas entrevistas ou nos grupos focais, houve o destaque para a politização dos/as estudantes e do curso em si, sendo este um dos elementos que diferenciava a Geografia no campus. Segundo uma aluna, “...a militância da Geografia é muito forte, não do curso, mas das pessoas que frequentam esse curso, mais voltado, tipo, pra uma consciência mesmo; acho que essa é a parte que mais me marca na diferença entre os outros cursos.” (Aluna do 2º ano, branca).

Turra Neto (2015) afirma que as culturas juvenis, ainda que se façam nos trânsitos globais de difusão de referências culturais, portam em si as potencialidades de fazerem emergir no lugar novos atores políticos, oferecendo canais de expressão para vozes represadas. A cultura juvenil universitária do curso de Geografia demonstra ter militância e engajamento, não só entre

os estudantes do próprio curso, mas articulando com o movimento estudantil mais amplo do campus como um todo. Como um dos nossos colaboradores afirmou, não é possível pensar os movimentos de reivindicação estudantil que acontecem no campus, sem a presença massiva de estudantes de Geografia. Afirmação que obteve consenso na discussão do primeiro grupo focal realizado na pesquisa: “...a Geografia representando principalmente no movimento estudantil, atos de paralisação, tipo chega a ser um choque se a Geografia não estiver presente.” (Grupo Focal 1). No mesmo grupo focal, e no mesmo tema em debate, outro estudante se somou à discussão afirmando que “...a Geografia articula e causa bastante engajamento.” (Grupo Focal 1). Notamos assim, que o/a estudante de Geografia no campus é reconhecido como politizado/a, articulando e conversando com outros sujeitos para além da seu próprio curso e disciplinas. “então, cheguei aqui, cai na realidade, porque aí você cai na realidade. Você vê o quanto você é privilegiado porque você tem o mínimo. Eu acho que eu ganhei muita consciência, sabe?” (Grupo Focal 1).

Quando colocado esse tema em debate no segundo grupo focal, a questão da militância e da crítica compareceu na conversa, mas houve uma parte dos estudantes que não considerou que o curso de Geografia, nem o campus da FCT/Unesp em si, tivesse, de fato, uma cultura universitária própria, mas sim uma “cultura academicista”, termo esse utilizado repetidas vezes no segundo grupo focal, e que nos instigou a refletir sobre seus significados.

E aqui podemos identificar uma segunda dimensão que, sem negar a primeira, representa uma marca forte da imagem hegemônica do/a estudante do curso de Geografia, que também acaba sendo uma forma de diferenciação em relação a estudantes de outros cursos: o seu maior engajamento nos grupos de pesquisa e nos projetos, inclusive com bolsas de iniciação científica. Para os estudantes que participaram do segundo grupo focal, a graduação é praticamente um curso preparatório para o mestrado. Reafirmando esta posição, uma das participantes do grupo argumentou, em tom de crítica:

Olha eu também não acredito que haja uma cultura Universitária da Unesp, concordo com o que o ** acabou de dizer da questão que são completamente academicista... se é muito academicista principalmente na questão de colocar mais mestrado e doutorado, aí a galera sai da licenciatura entra numa sala de aula achando que tá dando aula em universidades e tá fora da universidade, o que me chocou muito na Geografia foi essa questão de não enxergarem o que tem fora da Universidade. São poucas pessoas que se preocupam com o que tem fora da universidade e é só isso (Grupo Focal 2).

Essa crítica a uma formação voltada a uma carreira acadêmica foi também tema de discussão do primeiro grupo focal, mas não gerou o mesmo engajamento e concordância como

no segundo grupo. No primeiro grupo focal, houve poucas contribuições acerca da faceta acadêmica da cultura universitária do/a estudante de Geografia.

De toda forma, a crítica ao modo como o curso é conduzido pelo corpo docente, apontando para a existência de uma lógica produtivista, ao estilo da chamada “universidade operacional” (Chauí, 2001), só reforça a ideia de que estamos diante de estudantes altamente críticos e que reivindicam protagonismo nas decisões sobre sua própria formação acadêmica.

Na fala abaixo, um dos estudantes criticou a postura de alguns professores (e em outro momento de estudantes) que, durante as aulas e nos grupos de pesquisa, apresentam um repertório teórico com tom de engajamento social, mas que não o fariam na prática: *“...a questão que eu acho que tipo pessoas ficam muito no lado científico; eu vejo muito professor falando com uma linda, perfeita retórica disso/daquilo e quando a gente vê na prática ele é contrário né”* (Grupo Focal 1).

Apesar dessa perspectiva crítica e de certa forma em contraponto a ela, outras ponderações nos próprios grupos focais e também nas entrevistas, apontaram para uma relação entre professores e estudantes, no curso, que marca diferenças quando se compara a Geografia com as outras graduações do campus.

A maioria dos nossos colaboradores e colaboradoras reconhece o valor dos/as docentes e têm em relação a eles e elas um sentimento de gratidão, pelo apoio que receberam na sua adaptação nos primeiros anos de curso e na inserção em projetos ou grupos de pesquisa. A relação entre estudantes e professores parece ser mais de amizade do que de hierarquia e disputa. Para Bueno (1993), a boa relação entre docentes e estudantes é fundamental na adaptação dos segundos à realidade universitária e é possível afirmar que, do ponto de vista do corpo docente, estes estão ciosos das responsabilidades em acolher estudantes nos primeiros anos, em um curso com alto grau de evasão.

Assim, ainda que nem sempre haja um reconhecimento mútuo, podemos perceber pelas falas dos/as colaboradores que a relação amistosa entre estudantes e professores/as no curso de Geografia contribui na constituição de uma cultura juvenil universitária em que o diálogo horizontalizado em sala de aula e nos projetos é uma marca distintiva.

Retornando às trajetórias desses estudantes, a chegada de muitos à Geografia, baseada na “aleatoriedade”, palavra usada em uma das entrevistas, por uma estudante do terceiro ano, faz com que a permanência no curso seja incerta. Em muitos momentos da graduação, mas com mais intensidade nos primeiros anos do curso, os/as estudantes procuram insistentemente algo interessante que os motive a permanecer.

Ainda assim, permanecer no curso não foi a alternativa para muitos dos estudantes e das estudantes dos 2º. e 3º. Ano estudados. Estes dois anos considerados deveriam somar juntos um total de 170 estudantes, mas são hoje apenas 110, ou seja, houve uma evasão da ordem de 37%, segundo dados da seção de graduação da FCT. Dessa forma, para 60 estudantes, os processos de socialização na vida e na cultura universitária não foram suficientes para construir uma identidade com o curso de Geografia, ou outros fatores de ordens diversas os afastaram do curso, como questões econômicas, por exemplo.

Além disso, podemos inferir que um potencial elemento que favorece os altos índices de evasão do curso é o fato de ser uma licenciatura, profissão essa que tem sido tão desvalorizada nas últimas décadas.

Infelizmente, o fantasma da evasão e a constante convivência com ela parecem constituir também parte distintiva da cultura juvenil universitária do curso de Geografia da FCT. Nos trabalhos de escuta dos estudantes, tivemos relatos acerca de certas tradições criadas em torno da evasão, como organizar piqueniques no final de cada semestre, de forma a se despedirem de estudantes que estavam prestes a voltar para suas respectivas cidades, alguns dos quais não mais retornariam, pois iriam desistir do curso.

Este problema, já identificado pela gestão da universidade, pelo departamento e conselho de curso de Geografia, tem promovido intenso debate para se buscar uma mais profunda compreensão do fenômeno e, ao mesmo tempo, pensar em ações e projetos para diminuí-lo ou superá-lo, problema para o qual pensamos que esta pesquisa pode trazer algumas contribuições.

Considerações finais

A cultura juvenil universitária reúne sob uma única rubrica o que caracterizaria a cultura juvenil e a cultura universitária de um curso de graduação, na qual se combinam, de forma as vezes tensa, experiências em torno dos usos do tempo livre entre pares, em que se exercita uma cultura distintiva, e as demandas de envolvimento com as dinâmicas do curso, dos grupos de pesquisa, projetos, estágios, mais ou menos crescente ao longo da graduação. Atravessando estas duas dimensões temos as questões de ordem política, com engajamentos intermitentes ou duradouros no movimento estudantil, ou demandas crescentes por posicionamentos, num curso cujo conteúdo é em si mesmo altamente politizado. Mas também os dilemas diante de

expectativas de futuro na carreira docente, o que pode conduzir parte dos estudantes a evadirem do curso¹².

No plano do tempo livre, espaços do campus são ressignificados pelos encontros e festas, cuja preparação e agitação preliminar acontecem nas praças, nas bancas de venda de ingressos, nos corredores. Também o entorno é apropriado, de modo que a cultura juvenil universitária do curso de Geografia transpõe os limites do campus e se estende pela cidade, ou pelo menos sobre aquele fragmento de cidade em que se concentram equipamentos comerciais e de serviços, que suprem algumas das necessidades básicas. Estamos nos referindo a presença do Parque do Povo, do Prudenshopping e hipermercados, além da oferta de vida noturna atraída para o entorno desses grandes equipamentos urbanos.

Tal transbordamento para o entorno do campus nos leva a perguntar se as práticas espaciais dos estudantes de geografia da FCT fazem território, delimitando e marcando com seus signos e suas corporeidades fronteiras mais ou menos porosas e identificáveis no conjunto da cidade. Ou se significaria uma circunscrição do estudante universitário ao entorno, levada a cabo por uma ação deliberada do mercado imobiliário. Afinal, foi também se produzindo ao longo do tempo uma concentração de repúblicas nas proximidades do campus, que são elas próprias lócus de vida festiva e de encontros cotidianos no tempo livre. Ou seja, um processo de estudantificação de uma área da cidade, do qual os principais protagonistas são agentes econômicos que se beneficiam da presença da oferta de educação superior na cidade.

Dessa forma, é inegável que foi se constituindo nesta porção da cidade de Presidente Prudente um circuito de vida universitária altamente frequentado pelos estudantes do curso de Geografia, bem como de outros cursos do campus.

No plano das dinâmicas do curso, que é o que de fato vai constituir a especificidade desta cultura juvenil universitária, notamos um caráter (como já dito) político e ativista do curso, dentro da sala de aula mas também presente no cotidiano, nas conversas, nas preocupações e atividades desses jovens. O mencionado “academicismo” revela um curso muito dedicado a pesquisa e a pós-graduação, sendo aquele que, no campus, é o principal em número de grupos de pesquisa da FCT/Unesp e em produção científica. Isso faz com que os grupos de pesquisa e os coletivos (políticos ou não) perpassem uma boa parte do cotidiano dos

¹²Ainda que a vinculação entre evasão e carreira docente tenha sido pouco demonstrada ao longo do texto, trazemos ela aqui como uma inferência, para apontar a necessidade de novas investigações sobre esse fenômeno que assola o curso de Geografia.

estudantes do curso, formatando também a cultura juvenil universitária do estudante de geografia.

A boa relação entre professores e estudantes é outro aspecto que marca essa cultura, na medida em que permite um diálogo mais horizontal, em que as demandas apresentadas pelos estudantes acabam reverberando nas instâncias deliberativas do curso.

Por fim, não poderíamos deixar de mencionar a evasão, já parte da cultura juvenil universitária em questão, que aparece no campo de possibilidades desses estudantes, seja apenas como pensamento, tentação ou de forma concreta. De toda forma, aqueles/as que permaneceram lembram com certa saudade de muitos colegas de turma que trancaram ou simplesmente abandonaram o curso.

Por isso, vale a pena reforçar que, acima de tudo, os estudantes de Geografia da FCT/Unesp que permanecem são esperançosos: atuam politicamente na esperança de permanência estudantil, investem seu tempo em pesquisa e na formação, esperando de seguir na pós graduação, investigando temas de pesquisa, sempre com a preocupação da relevância social. Também acreditam na profissão e na capacidade de transformação da educação, pois reconhecem o quanto a Universidade fez diferença em suas próprias vidas e seguem fazendo do curso de Geografia algo vivo e em permanente movimento. Esta é a configuração da cultura juvenil universitária do curso de geografia, ou pelo menos daquela que tem mais reverberação, ainda que não abarque, em sua integridade, a totalidade dos estudantes do curso.

E é assim que a própria Geografia Brasileira vai se renovando. Sendo constituída na contingência de encontros mais ou menos duradouros entre trajetórias de vida de estudantes, uma cultura juvenil universitária e uma ciência social já praticada por docentes que, eles próprios, também realizaram, na sua geração, um encontro duradouro com a Geografia. Olhar para a cultura juvenil universitária do curso, significa, portanto, abordar a produção do conhecimento científico a partir de trajetórias de vida em movimento, dos seus entrelaçamentos, conexões e desconexões.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, H. W. **Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Editora Scritta, 1994.
- ANUÁRIO ESTATÍSTICO. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. São Paulo: Unesp; APE, 2021.
- BASSANI, C. Five dimensions of social capital theory as they pertain to youth studies. **Journal of Youth Studies**, v. 10, n. 1, p. 17-34, 2007.
- BUENO, J. L. O. A evasão de alunos. **Revista Paideia**, n. 5, p. 9, p. 16, 1993.
- CHAUÍ, M. A universidade pública sob novas perspectivas. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, p. 5-15, 2003.
- COLOGNESE, S.; MELLO, J. L. B. A técnica da entrevista na pesquisa social. **Caderno de Sociologia**, v. 9, p. 143-159, 1998.
- CRUZ NETO, O.; MOREIRA, M. R.; SUCENA, L. F. M. Grupos focais e pesquisa social qualitativa: o debate orientado como técnica de investigação. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 28., 2002, Ouro Preto. **Anais [...]**. Ouro Preto: Associação brasileira de Estudos Populacionais, 2002. p. 1-26.
- DAYRELL, J. **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude em belo horizonte**. 2001. 412 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- DAYRELL, J. **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude em belo horizonte**. Belo Horizonte: EdUFMG, 2005.
- FEIXA, C. A cidade secreta: os espaços quotidianos dos jovens. **Revista de Comunicação, Cultura e Educação**, n. 3, p. 125-140, 2003.
- FEIXA, Carles. De culturas, subculturas y estilos. In: DE JÓVENES, bandas y tribus. Barcelona: Ariel, 1999. p. 84-105.
- GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília, DF: Liber Livro, 2005.
- HOLDSWORTH, C. “Going away to uni”: mobility, modernity, and independence of English higher education students. **Environment and Planning A**, v. 41, p. 1849-1864, 2009.
- HOPKINS, P. E. Youth transitions and going to university: the perceptions of students attending a geography summer school access programme. **Area**, v. 38, p. 240-247, 2006. Disponível em: <https://rgs-ibg.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1475-4762.2006.00691.x>. Acesso em: 14 jan. 2022.
- LIMA, M. G. **Espaços de lazer e territórios juvenis em Três Lagoas**. 2018. 223 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, MS, 2018.

LIMA, M. G. **Cultura do lazer universitário**: atléticas e festas open bar. 2023. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2023.

MAGNANI, J. G. C. Os circuitos dos jovens urbanos. **Tempo Social**, v. 17, n. 2, p. 173-205, 2005.

MARQUES, A. C. S. As espacialidades instituídas pelas jovens mulheres negras na e por meio da cultura Hip Hop em Londrina (PR). 2021. 230 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Presidente Prudente, 2021.

MARTINS, C.H. dos S.; CARRANO, P. C. R. A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar. **Revista Educação**, v. 36, n. 1, p. 43-56, 2011.

MENEGON, R. R. **Culturas juvenis e jovens do ensino superior**: em busca de caminhos para formação inicial e a prática educativa na educação física. 2016. 228 f. Dissertação (Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Presidente Prudente, 2016.

OLIVEIRA, M. F. Da R. Formação do Professor de Geografia: Ensino e Pesquisa *In*: COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE, 6., 2012. **Anais [...]**. São Cristóvão: Universidade Federal do Sergipe, 2012. p. 1- 14.

PAIS, J. M. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

RISTOFF, D. O novo perfil do campus brasileiro: uma análise do perfil socioeconômico do estudante de graduação. **Revista Avaliação**, v. 19, n. 3, p. 723-747, 2014.

SALVI, B. F. **Para além da praça!**: a contribuição educativa da Batalha do Vale na educação das juventudes em Presidente Prudente (SP). 2023. 215 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Presidente Prudente, 2023.

SANTOS, C. J. dos. **As práticas de apropriação da cultura hip-hop pela juventude soteropolitana**: um estudo a partir do lugar. 2012. 122 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

SANTOS, C. J. dos. **Geografias insurgentes**: práticas espaciais e a luta pela autonomia da juventude negra e periférica em Salvador - BA. 2022. 335 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

TURRA NETO, N. **Enterrado vivo**: identidade punk e território em Londrina. São Paulo: EdUNESP, 2004.

TURRA NETO, N. **Múltiplas trajetórias juvenis**: territórios e redes de sociabilidade. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

TURRA NETO, N. Definir juventude como ato político: na confluência entre as orientações de tempo, idade e espaço. *In*: CAVALCANTI, L. de S.; CHAVEIRO, E. F.; PIRES, L.M. (org.). **A cidade e seus jovens**. Goiânia: EdPUC Goiás, 2015. p. 119-136.

VELHO, G. Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea. *In*: ALMEIDA, M.I.M. De; EUGENIO, F. (org.). **Culturas jovens**: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 7-21.